

## **A reinvenção da Disney**

*Pedro Butcher*

*"A Família do Futuro", primeiro longa de animação do estúdio após a compra da Pixar, é um passo no processo de recriação da marca, desta vez em direção à tecnologia mais avançada*

Walt Disney morreu há 41 anos, mas a marca Disney continua aparentemente imbatível. Sua permanência no mundo do entretenimento, no entanto, é uma saga mais próxima de um novelão como "Dallas" do que de uma fábula como "Branca de Neve".

Hoje um imenso conglomerado que inclui um dos maiores estúdios de Hollywood, 11 parques temáticos e vários canais de televisão -incluindo a americana ABC-, The Walt Disney Company começou em 1923 como um pequeno estúdio de curtas de animação.

Essa trajetória de acúmulo de dinheiro e poder sofreu profundos abalos, principalmente a partir da morte de Walt Disney -o homem que deu significado à marca-, em 1966. Mas a capacidade de reinvenção, pelo menos por enquanto, tem prevalecido.

"A Família do Futuro", a mais nova produção da Disney, é o melhor exemplo. O filme, que arrecadou, na estréia, nos EUA, US\$ 25,1 milhões, está hoje em pré-estréia em São Paulo e entra em cartaz amanhã em circuito maior. Ao mesmo tempo em que dá um passo importante em direção à mais avançada tecnologia (o formato 3D digital estereoscópico), o filme é uma homenagem ao Disney empreendedor e parece ter sido construído como uma grande (e suave) metáfora dessa trajetória.

"Vi nessa história reflexos de características que admirei em Walt Disney, principalmente no final de sua vida. Quando me deparei com essa frase dita por ele -"Aqui nós não olhamos para trás por muito tempo. Continuamos seguindo em frente, abrindo novas portas e fazendo coisas novas"-, fiz questão de incluí-la no filme, que é, antes de tudo, uma celebração de Walt Disney e de sua capacidade de se reinventar, mesmo nos piores momentos", disse à Folha o diretor Stephen J. Anderson, no lançamento do filme, na EuroDisney, na França.

Pixar

Ironicamente, Anderson foi atropelado pela mais recente reestruturação da Disney. "A Família do Futuro" é a primeira realização do estúdio depois da compra da Pixar. Sob o comando de John Lasseter, a Pixar revolucionou a animação computadorizada com "Toy Story" (1995).

Lasseter tinha um acordo de distribuição com a Disney, mas virou, ele mesmo, um gigante no ramo -a ponto de a Disney não ver outra saída para sua sobrevivência a não ser absorvê-lo. O negócio foi fechado em janeiro de 2006, por US\$ 7,4 bilhões. Lasseter virou um dos executivos principais da Disney.

"Um ano atrás, quando já tínhamos 85% da animação pronta, Lasseter e o pessoal da Pixar trouxeram um olhar fresco e novas idéias, que só contribuíram para o filme". As palavras do diretor suavizam uma crise mais profunda. Na verdade, Lasseter preparou um amplo relatório com várias notas, sugerindo mudanças. Conta a produtora Dorothy McKin: "Entreguei o relatório a Stephen e lhe dei uns dias para pensar, enquanto continuamos a trabalhar no que podia ser feito. Ele pegou o relatório e, a partir dele, fez suas próprias observações, adaptando as sugestões à sua visão do filme".

Segundo Dorothy, nenhum personagem foi retirado ou adicionado, mas nada menos que 60% do filme foi refeito. "As observações de Lasseter trouxeram mais emoção para a história, alterando, principalmente, o terço final do filme", conta.

"Meu papel foi proteger Steve e garantir que sua visão fosse preservada. Ao mesmo tempo, fiquei extremamente empolgada quando Lasseter entrou no projeto, porque, para mim, ele é o Walt Disney de hoje".

---

Leia mais:

### **Adotado, diretor Stephen J. Anderson se identifica com drama de protagonista**

"A Família do Futuro" marca a estréia de Stephen J. Anderson, 36, como diretor de um filme de animação. Funcionário da Disney desde 1999, ele foi desenhista de "story board" em "Tarzan" e supervisor artístico em "A Nova Onda do Imperador" (2000) e "Irmão Urso" (2003). Veja trechos da entrevista do diretor à Folha. (PB)

FOLHA - "A Família do Futuro" tem elementos novos para um filme da Disney. Como eles foram trabalhados para ficar no padrão do estúdio?

STEPHEN J. ANDERSON - As viagens no tempo foram difíceis. Podíamos fundir a cuca das crianças, então tivemos cuidado para que elas estivessem bem amarradas na história e não precisassem de explicações científicas. Os personagens, mesmo sendo muitos, são divertidos e guardam fortes características próprias. São o melhor do livro de William Joyce e não poderiam ficar fora do filme. Quanto ao vilão, Cara do Chapéu-Coco, ele é uma espécie de síntese de outros vilões, com o diferencial de ter um passado que explica sua condição. Em razão disso, será o primeiro vilão em muitos anos a circular "pessoalmente" como uma atração dos parques.

FOLHA - Como sua experiência pessoal, como uma criança adotada, influenciou na realização do filme?

ANDERSON - Quando o roteiro chegou às minhas mãos, em 2002, a identificação foi imediata. Lewis, enquanto espera ser adotado, quer saber quem é sua mãe e entender por que ela desistiu dele. Quando meus pais me contaram que eu havia sido adotado, as mesmas questões de Lewis passaram pela minha cabeça. Eles me disseram que eu poderia procurar minha mãe biológica ao completar 18 anos, e esse era meu objetivo. Mas, cinco anos atrás, quando já tinha mais de 30, percebi que tinha me esquecido disso. Não era mais importante. Estava vivendo minha vida, construindo o futuro que gostaria de ter. Mas minha identificação com Lewis vai além. O que ele tem de amor pela ciência e pela invenção eu tenho pelos cartuns, desde pequeno.

FOLHA - Como o sr. sentiu a interferência de John Lasseter no projeto?

ANDERSON - Foi importante, porque Lasseter e sua equipe trouxeram um olhar fresco e novas idéias. O trabalho em um filme de animação dura anos e, para nós, que estamos envolvidos, a capacidade de enxergar certas limitações desaparece.

FOLHA - Por que não há celebridades fazendo as vozes?

ANDERSON - Não queria associar vozes e rostos já conhecidos aos personagens do filme. Fui atrás de atores especiais, capazes de exagerar com talento. Procurei principalmente comediantes, alguns veteranos do rádio, como Harland Williams, que faz o robô Carl.

FOLHA - Você mesmo faz a voz de três personagens...

ANDERSON - No começo do processo de todos os filmes de animação, fazemos uma "voz guia" provisória para orientar os animadores. Nessa etapa, fiz a do Cara do Chapéu-Coco, a do vovô Bud e da prima Tallulah, e minha voz acabou ficando na versão final. Foi natural, parte do meu envolvimento no desenvolvimento dos personagens. Só foi mantido porque os produtores aprovaram. Não foi capricho meu, garanto.

## AS REVIRAVOLTAS

### A trajetória da Disney

**1937** >> "Branca de Neve e os Sete Anões", primeiro longa animado do estúdio, fatura o equivalente a mais de US\$ 100 milhões nos EUA

**1940** >> "Fantasia" marca o cinema com sua mistura de música clássica e animação

**1955** >> É inaugurado o parque temático Disneylândia, na Califórnia. Walt Disney morre em 1966

**Anos 80** >> Com a companhia em crise, Roy Disney contrata Michael Eisner, da Paramount, e Frank Wells, da Warner, para comandar uma reestruturação. Eisner traz, da Paramount, Jeffrey Katzenberg

**1983** >> O canal Disney começa a operar na TV a cabo americana

**1989** >> "A Pequena Sereia" marca a renascença da Disney. Em seguida viriam sucessos como "O Rei Leão" (1994)

**1993** >> Katzenberg comanda a compra do estúdio Miramax. Tempos depois, sai da Disney e funda a DreamWorks, com Steven Spielberg e David Geffen

**1995** >> Disney se associa à Pixar na distribuição de "Toy Story", longa de animação totalmente feito por computador

**1996** >> Compra da rede de TV aberta ABC

**2005** >> A Disney lança a animação digital "O Galinho Chicken Little"

**2006** >> A Disney anuncia a compra dos estúdios Pixar por US\$ 7,4 bilhões. "Piratas do Caribe - O Baú da Morte" ultrapassa US\$ 1 bilhão de arrecadação mundial

**2007** >> "A Família do Futuro" é lançada em mais de 600 salas dos EUA com projeção digital 3D. Anúncio de "The Frog Princess", que terá a primeira princesa negra de uma animação do estúdio



**Fonte: Folha de São Paulo, São Paulo, 4 abr. 2007. Ilustrada, p. E1.**